



CULTURA, LÍNGUA E A MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE DO POVO KRAHÔ NO TOCANTINS

CULTURE, LANGUAGE AND MAINTENANCE OF THE KRAHÔ PEOPLE'S IDENTITY IN TOCANTINS

CULTURA, LENGUAJE Y MANTENIMIENTO DE LA IDENTIDAD DEL PUEBLO KRAHÔ EN TOCANTINS

*Marta Virginia de Araújo Batista Abreu*¹
Universidade Federal do Tocantins
martavirginia@uftedu.br
ORCID: 0000-0002-5304-570X

*Francisco Edviges Albuquerque*²
Universidade Federal do Tocantins
fedviges@uol.com.br
ORCID: 0000-0002-0004-1887

Resumo

No presente artigo apresentaremos a sociedade Krahô, sua língua, sua cultura, sua identidade e sua história. Faremos considerações acerca do contato dos indígenas Krahô com a sociedade envolvente, para então compreendermos as consequências do contato para a realidade desse povo. Demonstraremos um pouco das características sociolinguísticas, dos saberes tradicionais e dos aspectos culturais do povo Krahô. O contato de duas sociedades de culturas diferentes pode causar intensos conflitos, como disputas entre si e também mudanças culturais. Assim, o contato da sociedade brasileira com a sociedade indígena ocasionou inúmeras alterações, principalmente, para a sociedade indígena. Essas mudanças acarretaram consequências positivas e negativas em vários aspectos, tais como: conflitos de identidade, relações de trabalho, hábitos alimentares, condições de saúde, aspectos econômicos, educação formal, concepções religiosas, dentre outros. Contudo, constatamos que, mesmo diante da situação de conflito linguístico e intercultural em que se encontram, os Krahô tentam resistir às influências culturais e linguísticas, mantendo sua língua, suas atividades culturais e seus saberes tradicionais. Entre o povo Krahô, os aspectos culturais são bem conservados, assim como a

¹ Mestre em Letras: Ensino de Línguas pela Universidade Federal do Tocantins. Doutoranda em Letras: Ensino de Línguas pela Universidade Federal do Tocantins.

² Professor Associado II da Universidade Federal do Tocantins/UFT - Campus de Araguaína. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2007). Realizou o Estágio Pós-doutoral sobre Os Aspectos Morfossintáticos Apinayé(Jê), na Universidade de Brasília-UNB.



prática permanente de rituais. A cultura é bem preservada e pode-se notar o empenho dos indígenas Krahô, em continuar mantendo a cultura e os conhecimentos tradicionais de seus antepassados. Os aspectos sociolinguísticos foram utilizados neste trabalho, também, para descrevermos os aspectos socioculturais da comunidade Krahô e o seu dia a dia, observando os seus usos, costumes e saberes tradicionais, fatores que demonstram a realidade desse povo. Esses fatores sociolinguísticos são importantes para a manutenção da língua materna, bem como as características linguísticas e culturais próprias do povo Krahô.

Palavras-Chave: Krahô; Língua; Cultura; Identidade.

Abstract

In this article we will present the Krahô society, its language, its culture, its identity and its history. We will make considerations about the contact of the Krahô indigenous people with the surrounding society, so that we can understand the consequences of contact for the reality of these people. We will demonstrate a little of the sociolinguistic characteristics, traditional knowledge and cultural aspects of the Krahô people. The contact of two societies of different cultures can cause intense conflicts, such as disputes between themselves and also cultural changes. Thus, the contact of Brazilian society with indigenous society has caused numerous changes, mainly for indigenous society. These changes had positive and negative consequences in several aspects, such as: identity conflicts, work relationships, eating habits, health conditions, economic aspects, formal education, religious concepts, among others. However, we found that, even in the face of linguistic and intercultural conflict in which they find themselves, the Krahô try to resist cultural and linguistic influences, maintaining their language, their cultural activities and their traditional knowledge. Among the Krahô people, cultural aspects are well preserved, as well as the permanent practice of rituals. The culture is well preserved and one can note the commitment of the Krahô indigenous people to continue maintaining the culture and traditional knowledge of their ancestors. Sociolinguistic aspects were used in this work, too, to describe the socio-cultural aspects of the Krahô community and their daily lives, observing their uses, customs and traditional knowledge, factors that demonstrate the reality of these people. These sociolinguistic factors are important for the maintenance of the mother tongue, as well as the linguistic and cultural characteristics of the Krahô people.

Keywords: Krahô; Language; Culture; Identity.

Resumen

En este artículo presentaremos la sociedad Krahô, su idioma, su cultura, su identidad y su historia. Haremos consideraciones sobre el contacto de los indios Krahô con la sociedad circundante, para que podamos comprender las consecuencias del contacto para la realidad de estas personas. Demostraremos un poco de las características sociolingüísticas, conocimientos tradicionales y aspectos culturales del pueblo Krahô. El contacto de dos sociedades de culturas diferentes puede provocar conflictos intensos, como disputas entre sí y también cambios culturales. Así, el contacto de la sociedad brasileña con la sociedad indígena ha provocado numerosos cambios, principalmente para

ABREU, Marta Virginia de Araújo Batista; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Cultura, Língua e a manutenção da identidade do Povo Krahô no Tocantins. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 174-183, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



la sociedad indígena. Estos cambios tuvieron consecuencias positivas y negativas en varios aspectos, tales como: conflictos de identidad, relaciones laborales, hábitos alimentarios, condiciones de salud, aspectos económicos, educación formal, conceptos religiosos, entre otros. Sin embargo, encontramos que, incluso frente al conflicto lingüístico e intercultural en el que se encuentran, los Krahô intentan resistir las influencias culturales y lingüísticas, manteniendo su idioma, sus actividades culturales y sus conocimientos tradicionales. Entre el pueblo Krahô, los aspectos culturales están bien conservados, así como la práctica permanente de rituales. La cultura está bien conservada y se puede notar el compromiso del pueblo indígena Krahô de continuar manteniendo la cultura y los conocimientos tradicionales de sus antepasados. En este trabajo también se utilizaron aspectos sociolingüísticos para describir los aspectos socioculturales de la comunidad Krahô y su vida cotidiana, observando sus usos, costumbres y conocimientos tradicionales, factores que evidencian la realidad de estas personas. Estos factores sociolingüísticos son importantes para el mantenimiento de la lengua materna, así como las características lingüísticas y culturales del pueblo Krahô.

Palabras clave: Krahô; Idioma; Cultura; Identidad.

O POVO KRAHÔ E SUA IDENTIDADE

Os Krahô habitam entre os rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, afluentes da margem direita do Rio Tocantins. A Terra Indígena Krahôlândia foi homologada pelo Decreto-Lei nº 99.062, de 07 de março de 1990 e fica localizada entre os municípios de Goiatins e Itacajá, no noroeste do Estado do Tocantins. A Terra Indígena Krahôlândia tem uma extensão de 320mil hectares e fica entre as longitudes 46º54' W e 51º18' W e as latitudes 8º S e 9º S. É composta por vinte e cinco aldeias, dentre estas podemos destacar: Manoel Alves, Pedra Branca, Forno Velho, Santa Cruz, Aldeia Nova, Bacuri, Serra Grande, Pedra Furada, Cachoeira, Galheiro, Rio Vermelho, Lagoinha, Morro do Boi e Mangabeira. Segundo dados da Fundação Nacional de Saúde (Funasa, 2010), a população Krahô é constituída de aproximadamente 2.463 indígenas.

A terra ocupada pelos Krahô tem como vegetação predominante o cerrado, porém há matas fechadas. As casas das aldeias Krahô são organizadas de forma circular, sendo que há um caminho que sai de cada casa ao centro do pátio. A arquitetura das casas é semelhante à da população regional: essas

casas são feitas, em sua maioria, de palha de palmeira e rebocada com barro, desenhada no modelo de duas águas, sem janelas e sem divisão no seu interior. Na região em que vivem há alguns córregos e ribeiros que são utilizados para beber, cozinhar, tomar banho e pescar.

A seguir, encontra-se a localização da Terra Indígena Krahô, mais conhecida como Krahôlândia.

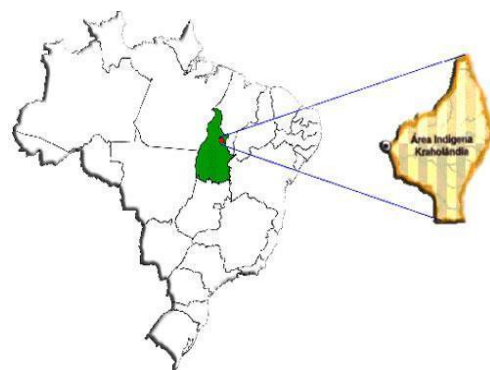


Figura 1. Localização da Área indígena Krahô³

³ **Fonte:** Centro de Trabalho Indigenista <http://www.trabalhoindigenista.org.br>. Acesso em 15/04/2020

ABREU, Marta Virginia de Araújo Batista; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Cultura, Língua e a manutenção da identidade do Povo Krahô no Tocantins. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 174-183, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

O povo Krahô sobrevive da produção de arroz, mandioca, milho, banana, arroz, fava, feijão, inhame, abóbora, dentre outros alimentos. Estes indígenas plantam, ainda, urucum, cabaça e algodão. A agricultura nas aldeias Krahô é desenvolvida por meio de técnicas bem rudimentares, porém com alguns experimentos de técnicas agroecológicas. As plantações ficam um pouco afastadas, com áreas de plantio medindo cerca de 1000m². As atividades de plantio de lavoura são realizadas na época da seca e também na época da chuva. Apesar de os indígenas dessa aldeia terem dificuldade em encontrar matas para fazerem suas roças.

Eles criam porcos, galinhas e também utilizam a caça para completar a alimentação. As caçadas são realizadas individualmente ou em grupos e estas acontecem geralmente no período da seca. Ultimamente as caçadas têm sido menos frequentes devido à escassez de animais. O povo Krahô fabrica muitos artefatos de fabricação indígena e dentre os mais conhecidos temos as cestas, pulseiras, bolsas, brincos e colares. As palhas de coqueiro e sementes variadas do cerrado são os materiais utilizados na produção desses artefatos.

O contato com a sociedade civilizada trouxe consigo várias necessidades para os indígenas Krahô. Para satisfazer essas necessidades, alguns indígenas dessa aldeia trabalham em órgãos federais, estaduais e municipais e, ainda trabalham em outras atividades no serviço privado nas cidades vizinhas. Constata-se a utilização de aparelhos eletrônicos, sobretudo o celular. Isso revela que a presença de não indígenas e a ida dos indígenas às cidades influenciam, de certo modo, nas atividades, nas interações e até mesmo nos costumes dos indígenas.

A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E CULTURAL DOS KRAHÔ

A sociedade Krahô é dividida em duas metades sazonais: Catãmjê, que está relacionada ao período chuvoso (inverno) e ocupa o lado oeste do pátio e Wacmêjê que está relacionada ao período da seca (verão) e, por sua vez, ocupa o lado leste do pátio. Segundo Melatti (1972), a escolha do nome é que determinará a qual metade o indivíduo fará parte, sendo que existe uma lista de nomes pessoais pertencente a cada metade. Toda pessoa do gênero masculino, ao nascer, ganha o nome de um irmão de sua mãe ou mesmo de outro parente de sua mãe. Enquanto que as pessoas do gênero feminino ganham o nome de uma irmã do pai ou de outro parente de seu pai. As metades Catãmjê e Wacmêjê têm funções importantes dentro dos cerimoniais como também no dia a dia na aldeia. De acordo com Melatti (1978), os homens da metade Catãmjê, ao iniciar o período da seca, elegem dois homens para serem prefeitos durante essa estação que compreende seis meses. Esses indivíduos possuem várias tarefas para realizar durante o dia na aldeia e orientam, ainda, os outros indígenas sobre o que estes também devem fazer. Quando inicia o período chuvoso, é a vez dos homens da metade Wacmêjê elegerem novos prefeitos para governar durante seis meses e que vão desenvolver as mesmas atividades que a outra metade desempenhou durante a estação da seca.

Entre os Krahô existem várias associações com sede em diversas aldeias. Dentre essas associações, podemos citar a Associação Mãkrare, que foi fundada em 1988 e fica situada na Aldeia Nova. Dessa associação fazem parte também as aldeias Serra Grande e Lagoinha. A Kapéj, associação civil sem fins lucrativos, que fica situada dentro da terra indígena e é composta pela maioria das aldeias Krahô. Outra associação atuante entre os Krahô é a Aukêré, que foi fundada em 2003, situa-se na aldeia Cachoeira e contribuiu imensamente na apresentação de projetos que beneficiam o povo Krahô dessa aldeia.

ABREU, Marta Virginia de Araújo Batista; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Cultura, Língua e a manutenção da identidade do Povo Krahô no Tocantins. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 174-183, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Há, ainda, as associações Wôkrã situada na aldeia Rio Vermelho; a Inxêcati, que reúne todas as aldeias Krahô localizadas ao sul do Riozinho, a Kyiré na Pedra Branca e também a Wyty-Catê, que fica situada em Carolina, estado do Maranhão. Nessas associações os indígenas Krahô discutem sobre os problemas encontrados nas aldeias e organizam-se para poderem alcançar suas reivindicações e lutar pelos seus direitos. São organizadas, por essas associações, feiras de sementes que têm como objetivo divulgar e distribuir as sementes que estão sendo plantadas em terras indígenas Krahô.

As festas tradicionais dos indígenas Krahô são a festa da batata (jàtjôpin), do milho (põnhuprô), da tora (pàrti) e da semente. Alguns ritos também são praticados, como por exemplo, o Pempcahàc, que é um rito de iniciação praticado pelos homens. Durante as festas, o cantor entoia cantigas tradicionais, juntamente com um “coró” formado por mulheres enfileiradas.

Nas aldeias do povo Krahô são realizadas corridas de tora durante as festividades que podem ocorrer durante vários dias. Nas festas são servidas comidas em abundância, dentre elas merece destaque o paparuto, que é uma comida muito apreciada pelos Krahô. Melatti (1973) afirma que há cerca de cinquenta rituais e cerimônias dentre as festas realizadas pelos Krahô, entretanto, algumas há muitos anos não são realizadas. Os Krahô, de modo geral, gostam de realizar festas e aproveitam esses momentos também para se confraternizarem com os indígenas das outras aldeias.

No cotidiano das aldeias as atividades tanto dos homens, quanto das mulheres são bem definidas: os homens ficam responsáveis pela caça, pesca, confecção de artefatos para as cerimônias, o preparo e o cultivo da roça. Já as mulheres cuidam das crianças, fazem artesanato, cozinham, colhem frutos. As mulheres dessa aldeia, como nas demais,

trabalham de forma organizada tanto na preparação das festas quanto nas atividades laborais.

A maioria das aldeias possui um pátio (Kà), onde são realizadas reuniões, importantes cerimônias, tomadas de decisões, recepção dos indígenas de outras aldeias e lá também são realizados os rituais, festas e algumas cerimônias. Praticamente todos os dias as lideranças se reúnem no pátio para definirem as atividades que serão desenvolvidas durante aquele dia. Tais atividades podem ser desde a partilha de alimentos até mesmo capinar o pátio. Geralmente esse ambiente é mais frequentado pelos homens, que são os responsáveis pelas tomadas de decisões da comunidade, e muitas vezes, somente nas casas, essas decisões são comentadas com as mulheres. Portanto, os papéis masculinos e femininos são bem definidos.

A LÍNGUA KRAHÔ

Os Krahô falam uma língua de mesmo nome, pertencente à família Jê e ao tronco linguístico Macro-Jê. De acordo com Nimuendaju (1946, p.8), a integração do complexo Timbira com a família linguística Jê sempre foi considerada e nunca houve objeções sobre essa afirmação.

O complexo linguístico Timbira, o qual a língua Krahô faz parte, é formado também pelas línguas Canela Apãnjekra, Canela Ramkokamekrá, Gavião Pykobyê, Gavião Parkatejê, Krinkati e Krejê (Rodrigues, 1986). De acordo com Melatti (1993), esses grupos se subdividem em Timbiras Orientais (situados a leste do Rio Tocantins) e Timbiras Ocidentais (situados a oeste do Rio Tocantins).

Alves (2002) reconhece quatro subgrupos que compõem o complexo Timbira, sendo eles: Apaniekrá/Ramkokamekrá/Krahô, Parkatejê, Krinkati/Pykobjê e Apinayé. Ainda

ABREU, Marta Virginia de Araújo Batista; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Cultura, Língua e a manutenção da identidade do Povo Krahô no Tocantins. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 174-183, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

segundo Alves (idem), o povo Krahô, juntamente com outros povos indígenas Timbira tem um projeto de uniformização da Língua Timbira, pois existem algumas divergências de grafia entre as línguas faladas por esses povos.

Para Ferreira Netto (1997), do mesmo modo que ocorre na Língua Portuguesa, na Língua Timbira também há um gênero intrínseco que integra todos os objetos. A Língua Timbira tem classes nominais que não possuem marcas morfológicas, estas estão diretamente relacionadas à divisão étnica direcionada ao sol e a lua. Ainda segundo o autor, todos os objetos que fazem parte do léxico da Língua Timbira fazem parte de uma dessas duas classes de gênero, todavia não podemos afirmar ao certo de que forma isso acontece na estrutura da língua, nem como essa nomeação é realizada.

OS KRAHÔ E O CONTATO DA SOCIEDADE ENVOLVENTE

Sobre o contato dos Krahô com a sociedade brasileira, Melatti (1967) afirma que esse contato interétnico se deu por volta de 200 anos. O contato ocorreu em uma área entre a divisa do estado do Maranhão com o Goiás. Essa área ficava situada entre os rios Tocantins, Farinha, Alto-Itapecuru, Parnaíba, Perdido e Sono, sendo espaços que não forneciam especiarias, minerais preciosos, mas ofereciam vantagens aos criadores de gado daquela região. Nessas áreas havia duas frentes de povoamento vindas do Maranhão e do Pará que eram de tipo agrícola; e da Bahia que era do tipo pastoril. Essas frentes tinham por objetivo a exploração econômica das áreas em torno desses rios.

A frente agrícola, conforme Melatti (1974), ocupava as margens do Rio Tocantins perto da sua foz, o entorno de Belém, o vale de Guamá, o norte do Pará e do Maranhão, o

Vale do Itapecuru e Caxias. Apesar dessa frente agrícola não ter muito interesse na área ocupada pelos Krahô, por ser uma área sem grandes florestas, o que não era interessante para o cultivo de arroz e algodão, o contato interétnico dos Krahô teve sérias consequências decorrentes disso.

Entretanto, a frente pastoril, caracterizada pela pecuária, merece destaque no que concerne ao contato dos indígenas Krahô com a sociedade brasileira. De acordo com Melatti (1967, p.19), no Brasil Colonial, a criação de gado no Nordeste Brasileiro teve origem na Bahia e em Pernambuco. O gado do estado do Pernambuco tomou toda a costa da Paraíba e do Rio Grande do Norte e seguiu para o estado do Ceará. O gado baiano foi conduzido até o rio São Francisco, juntamente com o gado pernambucano e chegaram até ao rio Parnaíba. Por volta do ano de 1730, após atravessar este rio, adentraram ao estado do Maranhão e lá tiveram o primeiro contato com o povo Krahô.

Cumpramos ressaltar que a frente agrícola cercava os povos indígenas pelo norte e nordeste e a frente pastoril cercava-os pelo leste e pelo sul. Segundo Melatti (ibidem) esses povos eram os Gamelas, Tupis, Timbiras (Txokamekra, Canela, Krahô, Pikóbye) e os Akwê (Xerente e Xavante). Aos poucos essas frentes foram ocupando a área que restava para os indígenas. Portanto, para que esses povos indígenas pudessem escapar aos ataques, eles fugiram para o oeste e tiveram que disputar terras com outros povos indígenas. Porém, com o aumento da navegação no rio Tocantins, essa saída para o oeste ficou mais difícil. Vale destacar que o rio Tocantins teve imensa importância no contato dos indígenas com a sociedade brasileira, por ter sido um grande recurso de ligação entre a área pastoril e a área agrícola, situadas norte de Goiás e no Pará, respectivamente.

ABREU, Marta Virginia de Araújo Batista; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Cultura, Língua e a manutenção da identidade do Povo Krahô no Tocantins. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 174-183, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Melatti (1967) afirma que para que possamos entender melhor a situação dos Krahô quando eles tiveram contato com a sociedade brasileira, é preciso que sejam apresentadas as características da área pastoril e da área agrícola. O autor destaca que mesmo os Krahô não tendo contato mais próximo com a frente agrícola, é importante fazermos algumas considerações a este respeito, para que se possa compreender a relação existente entre essas duas frentes e o deslocamento da mão-de-obra.

A primeira característica da área pastoril é sua baixa densidade demográfica. Isso acontecia porque o gado era criado alimentando-se apenas da vegetação nativa e sendo que esta era de fraco valor nutritivo, eram necessários muitos hectares de pasto para manter esse gado. E, por isso, um grande número de gado poderia ser cuidado por apenas uma pessoa. Outra característica da frente pastoril, diferentemente da frente agrícola, era emprego de mão de obra livre, sem a necessidade do uso de mão de obra escrava. Como vimos anteriormente, a área pastoril não utilizava grande número de mão de obra, por isso era fácil encontrar um número suficiente de mão de obra livre. A terceira característica da área pastoril também entra em contraste com a área agrícola. Enquanto esta era dividida em senhores e escravos, aquela matinha uma relação de compensação pelo trabalho exercido e com oportunidade de melhoria considerável. Entretanto, para que esses vaqueiros pudessem ter essa ascensão, as fazendas tinham que conquistar mais espaços. Esses espaços eram tomados dos indígenas.

A esse respeito, Melatti (1967) afirma que para as frentes agrícola e pastoril, os indígenas eram empecilhos para expansão de seus territórios, pois os indígenas eram os proprietários das terras que eles precisavam. Embora a frente pastoril tentasse se livrar dos indígenas, por não necessitarem do trabalho deles, a frente agrícola tentava

utilizar-se dessa mão de obra, logo após terem sido tirados do seu meio ou serem pacificados. Pohl (1976) também relata sobre o uso de indígenas como mão de obra nessa região. Esse autor nos assegura que, como forma de conseguirem trabalhadores braçais para suas atividades, os fazendeiros se valiam da lei, que na época permitia que fossem tratados como escravos os indígenas capturados em guerra. Eles ainda usavam como pretexto a disseminação da doutrina religiosa cristã, para poderem adentrar as matas e aprisionarem indígenas.

Melatti (1967) relatando sobre o contato dos indígenas Krahô afirma que estes fizeram um acordo com os criadores de gado. Os Krahô não foram utilizados para o trabalho na pecuária, eles continuaram desenvolvendo suas atividades normalmente, porém para que estes pudessem viver em paz, eles deveriam ajudar a sociedade pastoril na guerra contra os outros Timbiras e contra os Akwê, para então apossar-se das terras deles.

De modo geral, todos os povos indígenas Gamelas, Tupis, Timbiras (Txokamekra, Canela, Krahô, Pikóbye) e os Akwê (Xerente e Xavante) tiveram conflito com os povos da sociedade brasileira. Melatti (1967) aponta que por causa do grande avanço da frente pastoril, os indígenas Krahô deram trégua e começaram a lutar por novos territórios. Contudo, frequentemente eles ainda realizavam ataques àquelas terras das quais eles tinham sido retirados. Essa luta com os criadores de gado obrigaram o povo Krahô a mudarem e se refugiarem no ocidente, mais precisamente próximo ao rio Tocantins. Os indígenas Krahô fixaram habitação a cinco léguas de São Pedro de Alcântara (hoje Carolina – MA).

Ao chegarem a esse território, por volta do ano 1813, os Krahô fizeram amizade com fazendeiros de grande prestígio na região de São Pedro de Alcântara. A partir de então, os indígenas Krahô tornaram-se instrumentos para que os criadores de gado pudessem

ABREU, Marta Virginia de Araújo Batista; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Cultura, Língua e a manutenção da identidade do Povo Krahô no Tocantins. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 174-183, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



aoposar-se de mais terras e, assim, aumentarem as fazendas desses criadores. De acordo com Melatti (1967), na segunda década do século XIX, os indígenas Krahô deixaram as aldeias que moravam e foram residir bem próximo a São Pedro de Alcântara. O número de indígenas Krahô que se deslocaram chegava a três mil e eram comandados por um chefe e sete cabos de guerra.

Melatti (1967) nos assegura que naquela época a frente pastoril ainda avançava sobre as terras indígenas, e ainda tinha o povo Krahô como forte aliado. Os indígenas Krahô continuavam se dirigindo ao povo Akwê, pois o restante do povo Timbira já não oferecia ameaça ou resistência aos Krahô. Com isso, os fazendeiros não tinham mais interesse em manter o povo Krahô como aliado e, dessa forma, foi projetada uma maneira de afastá-los da área pastoril, isolando-os juntos com os Akwê no povoamento de São Fernando, foz do rio do Sono. Aos poucos a aliança com a sociedade brasileira sofreu alterações e os conflitos contra os outros indígenas cessaram.

Para satisfazer a vontade dos fazendeiros, em 1848, o governo do Império criou o aldeamento de Pedro Afonso⁴. Nessa época, o governo do Império enviou o missionário Frei Rafael de Taggia para catequizar os indígenas Krahô e Xerente. Então os indígenas Krahô foram transferidos para o aldeamento de Pedro Afonso e os Xerente, para o de Teresa Cristina (hoje Tocantínia). Entretanto, a missão religiosa não obteve muito êxito e apesar dos indígenas terem uma boa relação com o Frei Rafael, os indígenas não assimilaram bem a religião católica. Segundo

⁴ Os registros informam que os Krahô não habitavam a atual área urbana de Pedro Afonso, mas fixaram morada em três aldeias que ficavam a quatro léguas dessa cidade. Estima-se que havia cerca de 3mil indígenas nessa época e que este número foi reduzido a apenas 620 indígenas, devido a epidemias que levaram muitos Krahô à morte.

Melatti (1985), até hoje não houve nenhum outro representante dessa religião habitando entre os Krahô, mas apenas algumas visitas de missionários católicos.

Já no final do século XIX, o missionário protestante William Azel Cook visitou o povo Krahô, depois que eles mudaram para as margens do rio Manoel Alves Pequeno. Ele chegou a percorrer pelas aldeias Gameleira e Serrinha com o objetivo de consultar os indígenas sobre a possibilidade de trazer um professor para aldeia, provavelmente com fins de evangelizar o povo Krahô. A partir de 1925, a Missão Batista adentrou às aldeias Krahô e trouxe o missionário Zacarias Campêlo que instalou-se na aldeia Pedra Furada, permaneceu até 1935 e foi para as aldeias Xerente. Outro missionário Batista que esteve entre os Krahô foi o Francisco Colares, este morou perto da aldeia Pedra Branca e ficou até 1940. Esse missionário foi quem transferiu a fazenda da Barriguda, que era distrito de Pedro Afonso, para Porto do Vau. Esse local ficava às margens do rio Manoel Alves Pequeno e a partir dele é que foi criado, em 1938, o núcleo urbano da Vila de Itacajá, atual cidade de Itacajá. Após a saída de Francisco Colares, os indígenas Krahô passaram muito tempo sem ter uma missão religiosa entre eles.

Com o fim da aliança entre os indígenas Krahô e os fazendeiros, iniciou-se uma relação conflituosa entre estes. Consta que em 1940, os Krahô sofreram um ataque comandado por dois fazendeiros da região em que moravam. Segundo Melatti (1967, p.48), calcula-se que morreram vinte e três indígenas nesse massacre. Alguns indígenas da aldeia Pedra Branca pressentiram o massacre e fugiram, com isso foi impedido que mais indígenas morressem. O autor considera que o contato dos povos indígenas Krahô com a sociedade nacional foi marcado profundamente por essa chacina. Por meio dela foram revelados quais eram as reais intenções dos regionais para com os indígenas que eles se aproximaram. Por fim, a



aliança entre os indígenas e os fazendeiros foi aniquilada, aproximando os indígenas Krahô aos brasileiros, representados pelo Governo Federal.

É importante ressaltar, que foi a partir daí que o Governo Federal se fez presente em terras indígenas por meio do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). O assalto aos indígenas Krahô repercutiu de forma generalizada e causou grande comoção por parte da população regional, o que motivou a realização de três ações importantes. A primeira, foi o julgamento e condenação dos responsáveis pelo massacre ou que tinham relação com o crime, que eram num total de setenta e duas pessoas. Outra ação foi a instalação do SPI nas terras Krahô, que foi realizada com a ajuda de pessoas ligadas à missão Batista. E também a doação de 320 mil hectares de terras ao povo Krahô por meio do Decreto-lei nº 102 de 5 de agosto de 1944.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo apresentamos o povo Krahô e sua língua, destacando as características linguísticas e culturais próprias desse povo.

Fizemos um breve histórico do contato do povo Krahô com a sociedade não indígena e também alguns fatores sociolinguísticos que são importantes para manutenção da língua e da cultura desse povo, tendo em vista que esses fatores interferem diretamente na situação linguística deles.

Após fazermos esse estudo sobre a história do contato dos indígenas Krahô, podemos afirmar que o convívio desses com a frente pastoril foi o responsável pelo extermínio de muitos desses indígenas e que se esse convívio tivesse durado por mais tempo, os povos Krahô poderiam ter sido drasticamente eliminados. Destacamos, ainda, que as características linguísticas e culturais próprias do povo Krahô e os fatores sociolinguísticos são importantes para manutenção da língua e da cultura desse povo, tendo em vista que esses fatores interferem diretamente na situação linguística deles.

Recebido em: agosto/2020

Aprovado em: dezembro/2020

Publicado em: março/2021

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judite; GEWANDSZNAJDER, Fernando (2002). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira.
- FERREIRA NETTO, Waldemar (1997). *O ensino da língua portuguesa como língua estrangeira em comunidades indígenas*. Campinas-SP: ALB / Mercado Letras.
- FUNASA. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. Boletim Técnico de 26 de junho de 2010. Araguaína-TO. Disponível: www.funasa.gov.br Acesso: 18-jan-2019.
- MELATTI, Julio Cezar (1967). *Índios e Criadores: A situação dos Krahô na área pastoril do Tocantins*. Rio de Janeiro: Instituto de Ciências Sociais da UFRJ.
- MELATTI, Julio Cezar (1972). *O Messianismo Krahô*. São Paulo: Herder.
- MELATTI, Julio Cezar (1974). "Reflexões sobre Algumas Narrativas Krahô". *Trabalhos de Ciências Sociais*. (Série Antropologia Social, 8), Brasília, FUB-CIS.

ABREU, Marta Virginia de Araújo Batista; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Cultura, Língua e a manutenção da identidade do Povo Krahô no Tocantins. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 174-183, 2020.
Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



- MELATTI, Julio Cezar (1978). *Ritos de uma tribo Timbira*. São Paulo: Ática.
- MELATTI, Julio Cezar (1993). *Índios do Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- MELATTI, Julio Cezar (1979). O Sistema de Parentesco dos Índios Krahô. O Sistema de Parentesco dos Índios Krahô. Série Antropologia. Departamento de Antropologia. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília, 1973.
- MELATTI, Julio Cezar (1985). Curt Numuendajú e os Jê. *Série Antropologia*, n. 49, Brasília: UnB.
- NIMUENDAJU, Curt (1946). The eastern Timbira. Berkeley and Los Angeles, *University of California Publications in American Archeology and Ethnology*, vol. 41.
- POHL, Johann Emanuel (1976). *Viagem no interior do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo.
- RODRIGUES, Aryon (1986). Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola.
- RODRIGUES, Aryon (1993). Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Delta*, v. 9. n. 1, p. 83-103.
- RODRIGUES, Aryon (2005). Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas - Universidade de Brasília.
- RODRIGUES, Aryon (2006). Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura*, v. 57 n. 2, p.35-38.